

No gesto, o agradecimento de D. Risoleta

SÃO PAULO — Com um gesto emocionado de agradecimento, Dona Risoleta Neves despediu-se do povo paulista que acompanhou o cortejo fúnebre de Tancredo do Instituto do Coração até o Aeroporto de Congonhas. Ao embarcar no Boeing 737 da FAB, do alto da escada voltou-se para a multidão com as mãos juntas e erguidas — com um sorriso nos lábios, como a dizer que, apesar do sofrimento, estava feliz com a manifestação de carinho e reverência ao Presidente Tancredo Neves.

O gesto foi compreendido pela multidão, que gritou várias vezes o nome de Dona Risoleta.

A viúva de Tancredo Neves, o Governador Franco Montoro, Tancredo Augusto e Aécio Cunha Neves acenaram em despedida, enquanto Andréa, neta de Tancredo, olhava para a multidão chorando. Dona Risoleta subiu os degraus da escada amparada pelo Governador Franco Montoro, seguida pelos filhos, cunhados e netos; por Dom Paulo Eva-

risto Arns; pelo Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Luciano Mendes de Almeida, e por Frei Beto.

O caminhão do Corpo de Bombeiros com o esquife estacionou ao lado do Boeing 737 da FAB às 11h45m, seguido por nove automóveis. Nesse exato momento, a massa que se aglomerava em frente a ala oficial do aeroporto conseguiu romper o cordão de isolamento formado por policiais militares e, vislumbrando a movimentação da chegada do cortejo oficial, aplaudiu intensamente. Os populares voltaram a aplaudir, ao enxergar de longe a subida do esquife ao avião.

O Governador de Minas Gerais, Hélio Garcia, havia entrado cinco minutos antes no avião. Acompanharam as despedidas na ala oficial os Comandantes do II Exército, General Sebastião Ramos de Castro; do IV Comando Aéreo Regional, Major-Brigadeiro João Soares Nunes, e da Comissão Naval em São

Paulo, Contra-Almirante Antônio Eduardo Cézar de Almeida.

O Boeing presidencial BR 1 decolou às 11h55m. Numa última despedida, sobrevouou a cidade que acolheu Tancredo durante os 27 dias finais de sua enfermidade, sob os olhares atentos da multidão, que insistia em permanecer em frente à ala oficial do Aeroporto de Congonhas até que saísse a última autoridade. As 12 horas em ponto o avião tomou o rumo de Brasília.

Foi preciso que os agentes de segurança fechassem as portas de vidro do prédio da ala oficial para que, finalmente, o povo que acompanhou Tancredo a Congonhas compreendesse que chegara ao fim a despedida. Aos grupos, de bandeiras arriadas, a multidão se dispersou caminhando pelas Avenidas Rubem Berta e Vinte e Três de Maio.

● Tumulto, quebra-quebra em parte das instalações da ala nacional de Congonhas e algumas prisões. Tudo isto aconteceu em São Paulo ao final das despedidas a Tancredo Neves,

quando a multidão rompeu os cordões de isolamento na tentativa de ver o embarque do caixão no avião presidencial.

Saldados da Aeronáutica, com cassetetes, buscaram dispersar os populares, começando então a reação, com quebra de cadeiras e vidraças. Os soldados retiraram os manifestantes do aeroporto mas, na rua, a exaltação popular se manifestava em coros de “queremos a verdade”, “assassinos” e “Maluf no xadrez”.

Depois de cantar o Hino Nacional a multidão reiniciou o quebra-quebra, passando a jogar pedras na polícia. Os ânimos só se acalmaram muito depois, com a presença de quatro batalhões, convocados pelo Coronel PM Ralph, que deu ordens para “prender todo mundo”. Foram detidas 20 pessoas. Depois da confusão, o Coronel PM João Pessoa do Nascimento, surpreso, dizia que seus homens não estavam preparados para o incidente:

— Eu pensei que todo mundo estaria rezando pelo presidente.



Em frente ao Aeroporto de Congonhas, eram 200 mil paulistas a se despedirem de Tancredo Neves com slogans, hinos, lágrimas e bandeiras